



Super-herói da Notícia: o papel do jornalista como sujeito social.¹

Gianne Regina Conceição dos SANTOS²

Antonio Carlos Pimentel PINTO JR³

Universidade da Amazônia – UNAMA, Ananindeua, PA

Resumo

Quando o jornalismo se transforma na última instância para resolver determinado problema a sociedade tende a atribuir poderes aos jornalistas que estão além de sua competência. O jornalista perde seu papel de mediador e ganha, aos olhos da população, aflighta e fragilizada, características de um super-herói capaz de resolver todas as mazelas. Cabe ao repórter saber fazer a mediação entre o poder público e a comunidade de forma ética e responsável, sem deixar o ego crescer demais e sem adquirir complexos de inferioridade ou insegurança devido ao ritmo intenso de trabalho, salários baixos ou pressões do mercado. O presente artigo ouviu dois profissionais da área e indica que o jornalista não pode ser considerado um super-herói, mas que age com heroísmo quando vence as adversidades do dia a dia e cumpre sua função social: informar bem.

Palavras-chave

Função social; herói; jornalismo.

1. Introdução

Este artigo foi baseado no meu Trabalho de Conclusão de Curso e aborda a relação do jornalismo impresso (representado aqui pela figura do jornalista) com os super-heróis – em especial, o Super- Homem. O tema pode causar estranhamento de início: afinal, o que um jornalista tem em comum com um ídolo pop da indústria de massa norte-americana?

Vieira (1991) defende que há uma confusão entre o papel do jornalista e o da Polícia, sobretudo no jornalismo investigativo. Essa confusão gera um sentimento denominado pelo autor de Complexo de Clark Kent. Tal complexo é caracterizado pela “vontade do jornalista de ultrapassar as fronteiras do que é possível como repórter e tornar-se um super-homem” (VIEIRA, 1991, p. 29).

Segundo Julien Benda (1927 apud KANNO; 2006), o jornalismo também pode ser definido como uma crítica social a serviço de determinado ideal para a humanidade

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Graduada do curso Comunicação Social habilitação Jornalismo, email: giannesan@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: tonga.carlos@gmail.com



ou objetivos humanitários. Neste ponto é possível começar a perceber que a missão do super-herói se aproxima daquela exigida do jornalista: compromisso de atender e agir conforme os ideais e necessidades da humanidade - 24 horas por dia.

De acordo com o jornalista Dilson Pimentel⁴, é grande a responsabilidade que pesa sobre o jornalista na hora de fiscalizar o poder público e desenvolver o trabalho em parceria com a comunidade.

Na vida real, não há um Super-Homem capaz de voar para atender a um chamado desesperado de um determinado indivíduo ou comunidade como pode ser visto nas HQs de Denny O’Neil (2011). No entanto, não é raro vermos um carro de imprensa correndo a toda velocidade para registrar pedidos da população em casos extremos - como incêndios, assaltos com reféns e socorros em geral. Na maioria das vezes, o poder público só começa a cumprir o seu dever depois que a mídia chega ao local e dá visibilidade aquele problema denunciado. A partir daí, a população tende a acreditar que o jornalista é sua última chance para resolver determinado problema e atribui ao jornalista poderes muito maiores do que ele tem de fato.

2. Objetivo

O objetivo do trabalho é encontrar a linha limite que determina a função social do jornalista, ou seja, até onde vai o seu trabalho na hora de apurar uma matéria. Serão levadas em consideração as diferenças entre o jornalismo idealizado e o jornalismo real, fortemente marcado pela influência comercial.

3. Justificativa

Desde pequena já era fascinada pela história do Super-Homem. No entanto, foi apenas ao ingressar no mercado de trabalho, na redação do Jornal *O Liberal*, que comecei a me questionar se a conexão entre o repórter atrapalhado, mas persistente, e o super-herói que não media esforços para ajudar o outro realmente poderia ser aplicada à vida real.

Ao longo dos últimos seis meses de estágio, pude me dedicar exclusivamente à produção do jornal, selecionando notícias para diversas editorias diferentes e conhecendo os dissabores e vitórias de fazer jornalismo no Pará, principalmente em Belém.

⁴ Entrevista concedida à autora especialmente para esta pesquisa no Pará, Dilson Pimentel e Guilherme Mendes.



Era responsável por receber as denúncias da população, encaminhá-las à chefia de reportagem ou ao editor responsável, monitorar o desenrolar dos casos de maior destaque e sugerir pautas. Pude perceber a importância que a seleção de notícias tem e seu potencial em solucionar um problema apenas por lançar luz a uma realidade que estava esquecida ou era ignorada pelo poder público. Com esse trabalho, pretendo unir o que pude perceber ao longo do estágio, ressaltado por dois profissionais da área, com a bagagem teórica acumulada durante a graduação

4. Metodologia

A metodologia científica empregada na pesquisa foi o Estudo de Caso, por investigar um “fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas” (YIN, 2001 apud DUARTE, 2005). Os jornalistas Dílson Pimentel e Guilherme Mendes deram relatos exclusivos para essa pesquisa. Os jornalistas foram escolhidos pela autora devido à experiência profissional e o reconhecimento que a população confere a cada um dos repórteres em suas respectivas áreas.

Tal proposta se enquadra em outra definição do estudo de caso. O conceito de Stake (1994) define que essa técnica deve ser aplicada a objetos “específicos”, como uma pessoa ou uma sala de aula. Dessa forma, o estudo vai seguir a linha indutiva, focando em dois casos particulares com o objetivo de analisar, de forma prática, os problemas da vida real jornalística. As entrevistas foram feitas seguindo um questionário padrão, aplicado para os dois jornalistas, a fim de obter um padrão de amostragem. Juntamente com as entrevistas, também foi utilizada a observação direta e participante da redação do jornal *O Liberal*.

5. Conceitos de Jornalismo

O bom repórter deve fazer das letras uma ferramenta absolutamente necessária. Fazer jornalismo é lutar diariamente para convencer o leitor de que aquela informação é importante para ele. As armas para a luta são várias, mas invariavelmente é preciso seduzir o leitor para mantê-lo preso no texto. Do começo ao fim.

Essa definição é utilizada por Clovis Rossi em seu livro *O que é jornalismo*.



Para ele, “jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos [...]. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência inofensiva: a palavra.” (ROSSI, 1980, p.7.) Palavra essa que deve ser utilizada de forma clara e correta.

Na obra *Pragmática do Jornalismo*, Manuel Carlos Chaparro destaca o compromisso do jornalista com a informação correta e vai além.

Sempre que um editor ou um repórter [...] priva o leitor da notícia correta e plena, trai o principal e mais belo dos compromissos que tem com a construção e o aperfeiçoamento de uma sociedade livre: assegurar a “todo indivíduo” o direito de ser informado. (CHAPARRO, 1994, p. 82)

A batalha pela informação tem diversos fatores complicadores. Chaparro explica que o sistema por trás de um grande veículo de comunicação – e aqui ousa dizer que não só nos grandes veículos, mas em todo e qualquer jornal, independentemente do tamanho – é extremamente complexo. Essa complexidade se deve às relações de poder e interesses econômicos nos bastidores das redações.

De mocinho, o jornalismo começa a agir como o vilão da história ao subverter o valor da notícia. Ele só perde a batalha ao ser vencido por interesses que não sejam o de informar com a mais rigorosa exatidão. Sobre isso, Bucci (2000, p. 33) afirma: “Quando o poder age no sentido de subtrair do cidadão a informação que lhe é devida, está corroendo as bases do exercício do jornalismo ético, que é o bom jornalismo, e corrompendo a sociedade”.

O pesquisador explica que o jornalismo mudou muito do século XIX para cá devido às influências do mercado. No século XIX, a imprensa era uma forma que os cidadãos tinham para se comunicar e debater ideias, principalmente de cunho político. Na virada do século XX, o mercado começou a se infiltrar lentamente nas redações até interferir a olho nu naquilo que é publicado ou não – não é de se espantar que uma matéria que é de interesse dos anunciantes seja publicada com muito mais destaque do que uma denúncia feita por um grupo de cidadãos. Ou seja, “[Os meios de comunicação] não mais são produzidos pelas necessidades políticas do público, mas pelas necessidades de mercado” (BUCCI, 2000, p. 171).

O escamoteio ou a distorção de informações; as pautas motivadas por interesses particulares não revelados; a irresponsabilidade com que se difundem falsas informações ao público; a acomodação dos repórteres a um jornalismo de relatos superficiais; os textos confusos e imprecisos; a facilidade com que a imprensa acolhe, sem apurar, denúncias que



favorecem ou prejudicam alguém; a frequente prevalência dos objetivos do marketing sobre as razões jornalísticas [...] são claros sintomas de um desequilíbrio de identidade do jornalismo, enquanto função social. (CHAPARRO, p. 108, 1994)

No texto de Chaparro é possível perceber que o jornalismo não consegue cumprir satisfatoriamente sua função social. Mesmo assim grande parte da população continua a pôr suas esperanças na imprensa. Isso é possível comprovar em qualquer redação de jornal. Todos os dias chovem e-mails, telefonemas e visitas de leitores querendo ajuda para resolver desde uma briga entre vizinhos até para denunciar um esquema de venda de drogas. O jornalismo acaba se tornando a última opção para os cidadãos quando o poder público falha – o que gera opiniões muito divergentes sobre a profissão.

Quando o jornalismo cumpre seu dever social, é comum vermos jornalistas serem erguidos à posição de heróis. Repórteres de TV têm mais facilidade para ser reconhecidos; os de impresso encontram uma companhia constante no anonimato. Normalmente, mesmo as matérias assinadas, que são a maior fonte de prestígio para um jornalista de impresso, são pouco reconhecidas pela população.

Para Bucci, o problema é quando a fama ou o poder sobe à cabeça dos jornalistas. O autor destaca a necessidade de estar sempre movido pelo interesse público para não se deixar envolver nesse ambiente de narcisismo e egos inflamados, comum nas redações.

O jornalista existe para informar o público e para nada mais. Todo desvio de informação (seja por interesses editoriais ou censura) foge do padrão de qualidade e ética profissional exigido de um profissional da comunicação. Três princípios norteiam a prática do jornalismo: compromisso em obter informações o mais preciso possível; responsabilidade com o próximo (no caso, a sociedade como um todo) e a vigilância constante da situação até que esta seja resolvida – evitando assim o descaso e abandono do problema encontrado, a fim de que o trabalho feito pelo jornalista renda o melhor resultado possível para a população.

Medina (1982) afirma que, mesmo com todas as dificuldades, o bom jornalista deve se esforçar para que o seu trabalho fique pronto a tempo de ser publicado na edição seguinte do jornal em que trabalha. É exigido do profissional que ele apure e escreva a notícia em busca da perfeição, muito embora não se espere a ausência de erros. Ela denomina isso como a “imperfeição” característica do dia a dia



dos jornalistas.

Medina (1982, p. 22) defende que um dos papéis sociais do jornalista é saber “estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, extratos culturais e faixas até mesmo etárias”. A tarefa de intermediar tais focos, pertencentes as mais distintas realidades, consegue sublimar a imperfeição do dia a dia noticioso.

6. Super-Homem: Herói e repórter

De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) um super-herói é:

Um personagem fictício, geralmente dotado de poderes sobre-humanos, que defende o bem e combate incansavelmente o mal, ajuda os fracos e desprotegidos, procura livrar a sociedade dos criminosos, geralmente numa perspectiva individualista [A partir do sXX foram criados muitos super heróis nas revistas em quadrinhos.] <os s. modernos em muito lembram os heróis míticos>2p.ext. individuo que se parece com um super-herói, por seu comportamento, coragem etc (HOUAISS, 2001).

Essa definição remete aos primórdios da civilização humana, onde homens com poderes de deuses teriam caminhado lado a lado com os mortais, ajudando-os a resolver problemas e mantendo a civilização a salvo de catástrofes naturais e perigos. Com o decorrer do tempo, a figura do herói foi se transformando e adquirindo novos significados para se adequar ao contexto político-social de determinada sociedade.

Mendonça (2002) explica as diferentes nuances do herói ao longo do tempo. A mitologia acompanha as mudanças da sociedade e funciona como uma projeção do ideal de perfeição e competências almejadas por aquele grupo social em cada momento vivido. O imaginário, no caso, se aproxima da realidade e se distancia ao mesmo tempo como se fosse um eterno ideal a ser alcançado.

Os primeiros heróis das revistas em quadrinhos surgiram apenas no início do século XX. Criado por Jerry Siegel (roteiro) e Joe Shuster (arte), o Super-Homem foi um marco para as HQs e inaugurou a chamada Era de Ouro dos quadrinhos. Vieira (1991) explica que o Super-Homem surgiu numa época em que a América ainda estava em depressão pela Crise de 1929 e angustiada com a proximidade da II Guerra Mundial. O continente precisava de novos mitos e um super-herói que pudesse dar a sensação de segurança e estabilidade para a população.

O Super-Homem se diferencia da maior parte dos demais super-heróis por ser um alienígena. No entanto, a sua personalidade humana é um dos aspectos mais enriquecedores do personagem.

Nas primeiras versões da HQ, o personagem termina o ensino médio e vai para a cidade de Metrópolis em busca de trabalho. Ele vê no jornalismo uma forma de ajudar a combater as injustiças e chega a utilizar seus próprios poderes especiais para conseguir obter vantagem sob os concorrentes e garantir a vaga de emprego no jornal *Planeta Diário*.⁵

Kent é retratado nas HQs como uma pessoa tímida e silenciosa, características pouco comuns para um jornalista. Os cabelos estão sempre penteados para trás, cuidadosamente arrumados com gel. Já a inseparável gravata dá o toque final no estilo sério, responsável por reforçar o estereótipo do homem de credibilidade, característica indispensável a todo jornalista que se preze. A vestimenta, no caso, se torna o disfarce do herói para conseguir viver entre os humanos sem levantar suspeitas de sua verdadeira identidade.

Um fato interessante (e que tem sido objeto de inúmeras análises) é que, enquanto para outros super-heróis a máscara é o personagem (Batman, Flash, Demolidor etc.), para o Super Homem, o aspecto humano é a sua máscara, e para mimetizar-se com a humanidade, ele se “veste” como um ser retraído e solitário. (SCALITER, 2013, p. 17)

No entanto, por trás dos óculos de armação pesada estão várias outras características importantes para um jornalista. Kent é curioso, persistente e tem um forte senso de justiça. É importante ressaltar que o personagem cresceu no planeta Terra, foi criado por humanos e, por isso, adquiriu valores e parâmetros típicos deste planeta. Além disso, seus superpoderes aumentam sua percepção do mundo, algo que a pesquisadora Isabel Travancas identifica como “faro”, a habilidade de um jornalista de identificar o que pode render uma notícia.

A construção de um repórter tímido, desajeitado e um tanto frustrado com sua carreira se torna uma versão limitada do Super-Homem. Uma versão em que o próprio herói é consciente das limitações de seus poderes quando está imerso na realidade dos seres humanos. Com base nisso, é possível perceber que o personagem enfrenta as mesmas dúvidas que qualquer ser humano comum tem. A diferença fica por conta de seus superpoderes, que lhe permitem utilizar tais virtudes em benefício da sociedade. É

⁵ *Planeta Diário* é o nome do jornal impresso onde Clark Kent começa a trabalhar.



justamente essa faceta social do jornalismo que se torna responsável pela criação do jornalista super-herói.

O poder da palavra, da imagem, da seleção e interpretação dos fatos, e de sua multiplicação cria a ilusão do repórter super-homem como, a começar pela tradicional história em quadrinhos, foi tantas vezes utilizada pela ficção [...]. A ficção coloriu uma profissão onde o dia-a-dia é uma maravilhosa aventura no combate aos males sociais e na procura da verdade, onde as portas parecem abertas a toda sorte de liberdade, da manipulação da realidade ao acesso e divulgação da informação. (VIEIRA FILHO, 1991, p. 12)

Geralzinho Vieira, em seu livro *Complexo de Clark Kent*, entrevista uma série de jornalistas de renome nacional e conclui que os jornalistas desejam usar sua profissão como ferramenta para influir diretamente na sociedade. Geralmente, tais profissionais agem dessa forma movidos pelo interesse de trazer melhorias para a sociedade. Ora, melhorar a sociedade e ajudar os mais fracos é justamente o objetivo principal do Super-Homem. Com base nesse ponto em comum entre os dois objetos de estudo (jornalistas e super-herói), Vieira diagnostica os jornalistas com o chamado “Complexo de Clark Kent”. Todos os profissionais de imprensa que possuam o desejo de ir além dos limites da reportagem a fim de resolver os problemas vividos por determinado grupo social, tornando-se assim um super-homem, se enquadram em tal Complexo.

O fenômeno definido por Vieira como “Complexo de Clark Kent” envolve um emaranhado de relações tecidas entre vários núcleos: empresários de comunicação e jornalistas; empresários e políticos; jornalistas e a imparcialidade; jornalistas e o público; jornalistas e fontes. Relações que marcam o dia a dia nas redações.

De acordo com Christopher Robichaud (2005), os superpoderes de Clark influenciam diretamente na relação dele com o jornalismo. O autor afirma que ele é obrigado, pela ética utilitarista, a executar o que irá produzir “o maior bem geral”. Portanto, se como repórter tiver que decidir, por exemplo, entre representar a instituição em que trabalha (o Planeta Diário) numa entrevista exclusiva ou impedir que o mundo seja destruído por uma invasão alienígena, ele terá de optar pela invasão, mesmo que isso eventualmente custe seu emprego. Um repórter comum não teria que enfrentar esse dilema ético, simplesmente porque não tem as habilidades necessárias para impedir a invasão extraterrestre.

Apesar de não ter as habilidades do Super-Homem, o repórter fotográfico vietnamita Huynh Cong Ut conseguiu se consagrar ao fotografar a imagem conhecida como “Menina de Napalm”, onde se vê uma criança nua, com o corpo coberto de



queimaduras de terceiro grau, fugindo da guerra do Vietnã. O repórter conseguiu socorrer a garota, que sobreviveu à tragédia. Cong Ut, nesse caso, fez ainda mais que o Super-Homem, já que salvou a criança e fez a foto, garantindo não apenas o emprego, mas um prêmio Pulitzer.

Envolver-se com um assunto além do esperado ou do recomendado pelos guias de redação não é algo restrito a recém-formados ou jornalistas desinformados. O maior exemplo brasileiro é o caso do jornalista e escritor Zuenir Ventura. Toda a experiência e percepção do jornalista, que já trabalhou como repórter e editor de alguns dos principais jornais no Brasil, não foram suficientes para mantê-lo neutro e afastado da realidade que encontrou na cidade de Xapuri, Acre, em 1989, quando foi apurar a morte do maior líder sindical e ambientalista da Amazônia, Chico Mendes. No livro *Crime e Castigo*, Zuenir narra como começou a apurar o caso, quem ouviu e como se encantou pelo menino Genésio Ferreira da Silva, principal testemunha do julgamento dos acusados de assassinar Chico Mendes.

O envolvimento de Zuenir foi tamanho que, com medo do rapaz ser vítima de algum atentado por saber demais sobre o crime, levou o garoto sob sua proteção para viver com ele. É possível encontrar elementos do jornalismo gonzo nesse caso devido à intensidade com que o jornalista se deixou envolver pela matéria. No entanto, sua credibilidade e a qualidade de seus textos não foram comprometidas. Pelo contrário, a reportagem foi premiada e se transformou em um livro.

7. Relatos de repórteres

Dilson Pimentel e Guilherme Mendes são de meios de comunicação diferentes (Impresso e TV, respectivamente), no entanto essa diferença tem o propósito de verificar se a função social do jornalista, discutida ao longo do artigo, varia ou é vista de forma diferente por profissionais de meios distintos.

Nas falas dos dois repórteres, é possível perceber um consenso a respeito da importância da função social inerente ao jornalismo. Responsabilidade com a informação, compromisso com a população e as fontes, ética e vigilância do poder público foram as principais ideias defendidas pelos repórteres.

Para os dois entrevistados, a missão social do jornalista está sendo cumprida mesmo que ainda esbarre em algumas dificuldades como o conflito entre o departamento comercial e a redação. Pimentel citou que é possível driblar tais possíveis



conflitos com teimosia e perspicácia (uma abordagem diferente, um entrevistado com credibilidade que esteja de acordo com o foco que o jornalista pretende dar a pauta). Mendes, por outro lado, apesar de já trabalhar na empresa⁶ há cinco anos, disse nunca ter visto uma situação em que os interesses econômicos do veículo fossem colocados acima da notícia.

Apesar de não se declarar um super-herói e afirmar que não tem a pretensão de um dia se tornar um, é possível identificar elementos no discurso de Mendes que exaltam a capacidade da imprensa de fiscalizar o poder público e, por meio disso, resolver o problema de um determinado grupo social.

Eu não sou um *Superman* e estou longe de ser. Meu objetivo não é ser um super-herói, mas eu quero sim fazer o máximo para tentar melhorar as condições de vida daquela pessoa que confiou em mim para tentar resolver o problema dela. Eu não seria humano se eu virasse as costas para essa confiança. Eu não sou um personagem, eu sou eu mesmo, Guilherme Mendes. Só tento fazer o meu trabalho de forma ética, clara e responsável (MENDES, 2013).

Ao ser questionado se já se viu em alguma situação em que sentiu vontade de ultrapassar os limites do que lhe é permitido como repórter, Mendes afirmou que sofre, sim, do Complexo de Clark Kent. Mesmo entendendo os limites da profissão, essa barreira imposta ao profissional acaba gerando frustração com o passar do tempo.

Eu posso falar que eu sofro desse conflito. Não posso ir lá resolver a questão por mais que eu queira. Você não pode ir lá prender uma pessoa que fez um crime porque você não é o órgão competente para prender alguém. Frustração não ver a pessoa presa? Claro que frustra. (MENDES, 2013)

Os dois jornalistas entrevistados nesta pesquisa têm seu trabalho reconhecido e são referências em suas respectivas áreas. Pimentel em polícia, na área impressa, enquanto Mendes se destaca na cobertura de casos comunitários e costuma ser visto ao vivo, diariamente, no jornal do meio dia.

Independentemente do meio em que o jornalista trabalha, a pressão do público e, principalmente, das fontes, sobre o jornalista é muito grande. Mendes e Pimentel relataram que recebem ligações frequentes das pessoas para contar novos problemas ou

⁶ Apesar de fazerem parte do mesmo grupo administrativo, as Organizações Romulo Maiorana (ORM), a TV e o jornal impresso pertencem a duas empresas diferentes.



pedir que eles retornem ao local para verificar determinada situação que ainda não foi solucionada. Pimentel citou a importância da participação da comunidade, mas alertou para o fato de que nem sempre é possível atender a todas as exigências feitas e na hora que o denunciante quer.

A gente não tem estrutura, tempo, treinamento ou apoio para fazer o trabalho da Polícia. Você começa a fazer uma apuração e só pode ir até a página 10 porque não consegue ir além justamente por falta desses elementos que só a Polícia tem. Até a gente tem uma limitação, mas, muitas vezes, as pessoas não entendem isso. Essa imagem de que a gente pode tudo, que está acima do bem e do mal, eu não concordo. Vejo o jornalista como um trabalhador, um operário. Embora a gente seja imprensa, eu vejo é que a gente é que está sendo imprensado. (PIMENTEL, 2013)

Os dois jornalistas citaram que a frustração é comum quando se veem frente a uma pauta em que não há mais nada que o jornalista possa fazer para tentar ajudar a resolver o problema. Esse sentimento pode ser entendido melhor durante o processo de apuração, quando o repórter se aproxima das fontes, investiga o problema, conhece a realidade e, inevitavelmente, se envolve com a questão. Mendes é taxativo ao afirmar que não existe neutralidade no jornalismo. Já Pimentel atribui esse envolvimento com a humanidade do repórter.

Não há como o jornalista ser neutro porque jornalista é ser humano. No meu caso, polícia, por exemplo, é muito difícil não se deixar contaminar pela tristeza ao cobrir um assassinato de uma criança. No entanto, por mais revoltado que você esteja, é possível utilizar os elementos que você dispõe para externar essa revolta. Só tem que ter em mente que não está lá como o vingador. Não estou lá para crucificar. É preciso tentar manter um distanciamento na hora de escrever a matéria, não necessariamente neutralidade. (PIMENTEL, 2013)

Dessa forma, é possível entender que o processo de apuração e redação de uma notícia é influenciado tanto pelo jornalista quanto pelas fontes que contribuíram de alguma forma com aquela informação, seja informando ou cobrando do repórter. Mendes afirma que a melhor forma de realizar essa parceria com a comunidade é ser sincero e responsável, sem fazer falsas promessas ou trazer para si a responsabilidade de solucionar a questão.

Existe uma linha muito tênue que eu sempre procuro mostrar para as minhas fontes. Nós somos interlocutores, temos o papel de denunciar, de cobrar até que o problema seja resolvido, mas nós não temos o papel de resolver o problema. Existe a denúncia, o acompanhamento da denúncia e o reconhecimento do problema resolvido. Só temos que mostrar sempre que nós não resolvemos. Não



somos super- heróis que vão simplesmente resolver o problema ou salvar a comunidade. Somos pessoas que vamos apenas mostrar aquela situação. (MENDES, 2013)

8. Considerações finais

Com base no que foi discutido neste trabalho é possível concluir que o jornalista vive sob uma pressão constante, seja da população ou dos empresários (donos ou administradores da empresa em que trabalha). Saber lidar com essa pressão e conseguir realizar um trabalho ético e correto, apesar de parecer uma tarefa que exija superpoderes, está dentro da capacidade de todo bom (e humano) jornalista. Para tal, basta organização, inteligência, compromisso com as fontes e, sobretudo, com a informação precisa.

O mau atendimento e as faltas por grande parte das instituições brasileiras com a população geram o sentimento de frustração nas massas. Vulnerável e aflita, a última opção da população é justamente a imprensa. Esse é um dos principais fatores que levam o público a fantasiar o jornalista como um super-herói capaz de resolver todos os problemas. Por isso, é válido ressaltar que o jornalismo existe para informar, não para resolver problemas sociais ou políticos.

De acordo com os relatos dos jornalistas aqui entrevistados, o trabalho da imprensa tem dado resultado. Muitos dos problemas pautados conseguem ser resolvidos depois de serem noticiados. No entanto, ainda existem casos em que os assuntos fogem da competência jornalística.

O personagem Clark Kent revela um interessante estereótipo do jornalista, que se aproxima ao ter fraquezas e inseguranças comuns aos verdadeiros profissionais, mas se distancia a partir do momento em que assume a postura do jornalista romântico – capaz de arriscar a própria vida pela notícia e ignorante a respeito das relações comerciais tão marcantes no jornalismo.

Por fim, é possível compreender que um jornalista pode, sim, ser um super-herói no momento em que cumpre com suas responsabilidades. No momento em que tem a sensibilidade de olhar os múltiplos lados de um fato e representá-los de forma equilibrada. No momento em que consegue se encantar e se revoltar com as situações que encontra no trabalho a ponto de se envolver sem comprometer a credibilidade da informação. Sem capa, o jornalista é capaz de voar dentro de um carro de reportagem. Sem visão de raios X, o jornalista pode farejar detalhes que a fonte não deseja informar.



Sem superforça, o jornalista é capaz de ajudar a derrubar um problema com o poder da imagem e da palavra bem colocada.

O jornalismo não pode ser visto de forma romantizada por quem vive dele ou está próximo de alguma forma. Mas também não pode, nunca, deixar de ser apaixonante.

Referências bibliográficas

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994

DUARTE, Marcia YukikoMatsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

KANNO, Maurício. **Jornalismo nas histórias de super-heróis**: Os quadrinhos de Clark Kent e Peter Park. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em jornalismo) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Profissão Jornalista**: Responsabilidade social. São Paulo: Forense, 1982.

MENDES, Guilherme. **O dever social da imprensa**. Belém, 2013. Entrevista concedida a Gianne Santos, em 24 set. 2013.

MENDONÇA, KÁTIA. Rumo a uma teoria do mito político. In: **A salvação pelo espetáculo**, mito do herói e política no Brasil. Rio de Janeiro: TopBooks, 2002.

“MENINA de napalm” conta como foto mudou sua vida. *Jornal de Notícias*, Lisboa, caderno Mundo. Disponível em: <http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=2590331&page=-1>. Acesso em: 08 nov. 2011

O'NEIL, Denny; ADAMS, Neal. **Superman vs Muhammad Ali**: o maior combate da história. 1. ed. São Paulo: PaniniComics, 2011.

PIMENTEL, Dilson. **O dever social da imprensa**. Belém, 2013. Entrevista concedida a Gianne Santos, em 13 agosto 2013.

ROBICHAUD, Christopher. “Com grande poder, vem grande responsabilidade: os deveres morais dos superpoderosos e super-heróicos.” In: IRWIN, William (coord.). **Super-heróis e a filosofia**: verdade, justiça e o caminho socrático. São Paulo: Madras, 2005. p. 171-184.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000. 10ª ed.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1993.

VIEIRA FILHO, GERALDO. **Complexo de Clark Kent**: São super homens os jornalistas? São Paulo: Summus: 1991.